

sinopse Aos 12 anos, Simon (Kacey Mottet Klein) vive com sua irmã Louise (Lea Seydoux), no vale industrial de uma estância de esqui na Suíça. Sobrevivem ambos com o material que o rapaz todos os dias rouba aos turistas ricos e que vende no vale. Ela é instável e quando perde o emprego torna-se cada vez mais dependente do irmão. A vida de ambos equilibra-se numa linha ténue, numa quase miséria. É então que Simon conhece um turista inglês que se aproveita do negócio, algo que vem alterar a relação dos dois.

Um filme dramático sobre o desgosto, o conflito e a necessidade de reconciliação, realizado por Ursula Meier depois do sucesso de "Home - Lar doce lar" em 2008.

Festival de Berlim - Urso de Prata - Prémio Especial do Júri

Título original: L'Enfant d'en haut (Suíça/França, 2012, 100 min)
Realização: Ursula Meier
Interpretação: Kacey Mottet Klein, Kacey Mottet Klein, Léa Seydoux, Martin Compston
Argumento: Antoine Jaccoud e Ursula Meier
Música: John Parish
Fotografia: Agnès Godard
Montagem: Nelly Quettier
Som: Henri Maïkoff
Produção: Denis Freyd, Ruth Waldburger
Estreia: 21 de Março de 2013
Distribuição: Midas Filmes
Classificação: M/12



A criança no alto e no baixo

Luís Miguel Oliveira, Público de 21 de Março de 2013

A economia paralela de um rapaz só.

"Home", o anterior filme da suíça Ursula Meier, era o relato, extremo e quase absurdista, de uma família instalada à beira de uma auto-estrada. "Irmã" troca o absurdismo por um realismo absolutamente credível, mas mantêm-se os extremos. Porque "extrema" é a vida das suas personagens, um miúdo ladrão e aquela que começa por nos ser apresentada como sua "irmã", uma rapariga já adulta mas aparentemente um bocado perdida na vida. Os roubos do miúdo são a base da economia familiar. Mas "extremo", ou de extremos, é ainda o cenário: é literalmente o "alto" e o "baixo", este par vive no sopé de uma montanha suíça, no topo da qual funciona uma estância de esqui frequentada por gente muito mais endinheirada (e muito mais "normal") do que o rapaz e a sua irmã. Todos os dias o miúdo sobe do fundo ao topo, dedica-se a uma frenética recollecção de tudo o que apanhar a jeito, monta uma venda clandestina (de "skis" em segunda mão, justifica ele), e desde de novo ao seu "bas-fondas" com algumas dezenas de francos suíços no bolso.

A descrição desta economia paralela de um rapaz só é o ponto mais forte do filme, tanto mais que Meier se abstém de sublinhar o “comentário” social. O cenário exprime-o perfeitamente, como “diagrama” da miséria e da relação entre pobres e ricos, separados não por um fosso mas por um monte; exprime-o também pela imensidão branca e luminosa do topo, oposta à penumbra que é o território natural do pequeno ladrão. Todas as cenas com o miúdo em acção, a apanhar skis, mochilas, sandes, ou a fazer as suas negociatas, ou ainda a iniciar perfeitas comédias de “con artist” (a relação com uma turista inglesa), são impecáveis, como um aprendiz de pickpocket a descobrir o roubo como compulsão para além da necessidade.

Personagem suficientemente complexa (para mais com aquele fácies de pequeno Gainsbourg) para sentirmos que toda a história da relação com a irmã, sobretudo a partir do momento em que deixa de ser “irmã” (não diremos o que é de facto, mas está-se mesmo a ver), é mais um “atraso” do que um avanço, introduzindo umas gotas de psicologia familiar que nos parecem bastante mais banais do que a descrição do sistema económico de um rapaz só. Essa é a singularidade da obra, e é dela que Ursula Meier extrai a força de *Irmã* (ou de *L'Enfant d'en Haut*, “a criança do alto”, que é o título original). Vale a pena referir o “cast” traz algumas surpresas entre os secundários - Gillian Anderson (a dos X-Files) como turista inglesa, o grande Jean-François Stévenin como gerente do restaurante (e basicamente, “ogre”). Entre os colaboradores, também: a música é de John Parish, habitual parceiro de PJ Harvey; e no som trabalhou Henri Maikoff, bem conhecido em Portugal pelas suas colaborações com Manoel de Oliveira e Pedro Costa.

A família e os seus desequilíbrios

João Lopes, Cinemax (24 de Março de 2013)

Ursula Meier, a realizadora de “Home - Lar Doce Lar”, regressa às salas portuguesas com “*Irmã*”, um filme em que é especialmente importante contrariar as visões correntes da infância e da juventude.

Descobrimos Ursula Meier, cineasta franco-suíça, há cerca de três anos, com “Home - Lar, Doce Lar”, uma aventura familiar que adquiria a dimensão de parábola sobre os malefícios do progresso. O seu novo filme, “*Irmã*” (título original: “*L'Enfant d'en Haut*”), distinguido com um Urso de Prata em Berlim/2011, prolonga a atenção às convulsões da família, mas num registo de contundente realismo social.

A grande virtude de “*Irmã*” decorre da sua capacidade de escapar, ponto por ponto, aos muitos lugares-comuns que, todos os dias (em especial na paisagem televisiva), envolvem as personagens infantis ou juvenis. Ela filma a odisseia amarga de Simon (Kacey Mottet Klein), um rapaz de 12 anos que vive numa espécie de exílio afectivo com a personagem que o título refere, Louise (Léa Seydoux), sobrevivendo graças aos roubos que ele fai consumando numa estância de ski alpino...



Escusado será dizer que estamos perante personagens e situações que resistem a qualquer simbolismo simplista. O que interessa Meier é a dimensão mais íntima (e, como o espectador perceberá, também mais secreta...) de uma família em permanente desequilíbrio, carente de figuras paternas e valores aglutinadores. Não por acaso, ela volta a dar provas de uma excelente direcção de actores.

O olhar realista do filme confirma que, nos mais diversos contextos da produção europeia, persiste a vontade, ao mesmo tempo temática e estética, de não fugir à complexidade das actuais estruturas sociais. Por razões obviamente incontornáveis, as crises e fronteiras do espaço familiar são assunto prioritário deste cinema. É, enfim, uma boa oposição ao moralismo corrente nas ficções telenovelas.